

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS CURSO DE FILOSOFIA

**PLATÃO E O PENSAMENTO PÓS-MODERNO: COMO NIETZSCHE PODE
TER ERRADO NA SUA CRÍTICA À FILOSOFIA PLATÔNICA**

LUISA RIBEIRO BARONI
Monografia do Curso de Filosofia da Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do título de
Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Admar Costa

Seropédica

SETEMBRO UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS COORDENAÇÃO DO CURSO DE FILOSOFIA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS CURSO DE FILOSOFIA

PLATÃO E O PENSAMENTO PÓS-MODERNO: COMO NIETZSCHE PODE TER
ERRADO NA SUA CRÍTICA À FILOSOFIA PLATÔNICA

LUISA RIBEIRO BARONI

Orientador: Admar costa

Monografia do Curso de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Admar Costa

Prof. Dr. Alice Bitencourt Haddad

Prof. Dr. Francisco Dias de Moraes

Seropédica,

Setembro UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS COORDENAÇÃO DO CURSO DE FILOSOFIA.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS CURSO DE FILOSOFIA

AGRADECIMENTOS

A todos os professores do departamento de filosofia de UFRRJ que sempre estiveram a disposição para me ajudar e esclarecer qualquer dúvida.

Aos meus pais e namorado por todo o apoio tornando minha graduação possível.

Em especial ao meu orientador Admar Costa por toda a ajuda e instrução, sem ele esse trabalho monográfico não seria possível.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS CURSO DE FILOSOFIA

Baroni, Luisa Ribeiro.

Platão e o pensamento pós-moderno: como Nietzsche pode ter errado na sua crítica a filosofia platônica / Luisa Ribeiro Baroni. Seropédica: UFRRJ/ICHS, 2014.

Orientador: Admar Costa

Monografia Licenciatura – UFRRJ/ Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ Departamento de Filosofia, 2014. Baroni, Luisa e Admar Costa. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Instituto Ciências Humanas e Sociais, Curso de Filosofia. III. Licenciatura.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS CURSO DE FILOSOFIA**

**PLATÃO E O PENSAMENTO PÓS-MODERNO: COMO NIETZSCHE PODE
TER ERRADO NA SUA CRÍTICA À FILOSOFIA PLATÔNICA**

Luisa Ribeiro Baroni

Orientador: Admar Costa

Resumo da Monografia do Curso de Filosofia, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de/Licenciado em Filosofia.

O trabalho parte das críticas de Nietzsche a Platão, entre elas, e ao meu ver a principal, ao fato de apontar Platão como iniciador do discurso moral que leva ao niilismo. Nietzsche quer reinaugurar o discurso moral retirando os valores entranhados na sociedade, mas para isso ele precisa discutir com o seus oponentes, o primeiro deles, cronologicamente, é Platão. Assim, o antiplatonismo nietzschiano pode ser entendido como uma disputa pela autoria do maior discurso ético. Porém Nietzsche precisa discutir sobre tudo com o platonismo, aquele que difundiu as teorias de Platão e as assimilou ao cristianismo. Para atingir o seu ponto com mais precisão Nietzsche mistura Platão e o platonismo cristão reforçando o seu contraste com ele, por isso, esse trabalho monográfico visa, contrariamente, separar Platão do platonismo e reconhecer no filósofo antigo várias similaridades com o pensamento nietzschiano mostrando que a crítica niilista é mesmo ao platonismo e não a Platão.

Palavras-chave: Niilismo, *Genealogia da Moral*, *Moral*, *República*.

Seropédica dezembro de 2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS CURSO DE FILOSOFIA**

Plato and the post-modern thought: how Nietzsche could have been mistaken in his criticism of platonic philosophy

Abstract

This piece of work starts by analyzing Nietzsche's criticism of Plato, among which, in my view the most important one, the fact that he points Plato as the creator of the moral discourse that leads to nihilism. Nietzsche wants to start over the moral discourse by withdrawing the values that are firmly established within society, but to do that he needs to discuss with his opponents, the first of which is, chronologically, Plato. Thus, nietzschean antiplatonism can be understood as a struggle for the authorship of the most prominent ethical discourse. Nevertheless, Nietzsche needs to discuss everything with platonism, the chain of thought that disseminated Plato's theories and incorporated them into Christianity. To make his point with better accuracy, Nietzsche combines Plato and christian platonism strenghtening his contrast against them. Because of that this paper aims to, contrarily, detach Plato from platonism and recognize in the ancient philosopher many similarities with nietzschean thought, showing that the criticism against nihilism is in fact against platonism, and not Plato himself.

keywords: nihilism, genealogy of morality, morality, republic

Seropédica, december 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS CURSO DE FILOSOFIA

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 8

2. JUSTIFICATIVA 9

3. OBJETIVOS 9

CAPÍTULO 1

PRIMEIRA DISSERTAÇÃO..... 11

1.1 NEGAÇÃO DO HOMEM AÇÃO

1.2 PLATÃO – PENSAMENTO É AÇÃO

CAPÍTULO 2

SEGUNDA E A TERCEIRA DISSERTAÇÃO..... 20

2.1 CULPA E MÁ CONSCIÊNCIA

2.2 IDEAL ASCÉTICO

CONCLUSÃO..... 33

BIBLIOGRAFIA..... 35

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS CURSO DE FILOSOFIA

1. INTRODUÇÃO

A minha pretensão neste trabalho se limitará à comparação entre os apontamentos dos livros *Genealogia da Moral*, de Friedrich Nietzsche, e *Fedro* e *República*, de Platão. Me atentarei mais profundamente à primeira dissertação da *Genealogia*, pois ali se encontra não só o fundamento para as posteriores críticas, como o cerne genealógico moral do pensamento nietzschiano.

Embora possa ser visto como um anacronismo aproximar a visão de um filósofo antigo de um pensamento contemporâneo, a filosofia reconhece que não há um esgotamento de temas filosóficos, por motivos históricos, principalmente em se tratando de dois filósofos de tanta importância na história do pensamento filosófico.

É inquestionável¹ que Platão foi um grande influenciador do pensamento nietzschiano. O filósofo antigo é o ponto de partida escolhido por Nietzsche em sua análise genealógica sobre os caminhos que chegaram à modernidade, onde Platão é apontado como: fundador do pensamento ocidental moderno, negligenciador do mundo real em prol de um mundo idealizado, desvalorizador do homem como ação em prol do homem metafísico, e inaugurador da moral escrava.

Nesse trabalho pretendo apontar uma releitura de Platão partindo dele mesmo e me afastando da leitura tradicional², e assim, mostrar como dentro dessa perspectiva, algumas das críticas nietzschianas endereçadas a ele se tornariam inconsistentes. A filosofia platônica estaria então mais perto do pensamento nietzschiano do que o próprio Nietzsche conseguiu abarcar em seus estudos genealógicos.

Não nego que a crítica nietzschiana está muito mais ligada às consequências das interpretações tradicionais, como as neoplatônicas e agostinianas, de Platão do que à própria essência no pensamento platônico; mesmo assim, acredito poder apresentar pontos relevantes para a compreensão da disputa entre esses filósofos.

¹ Considero inquestionável pela grande quantidade de referências que Nietzsche faz a Platão em suas obras. E o próprio fato de Nietzsche atribuir a origem da praga moderna que é o niilismo a Platão mostra que o antigo foi muito influente no pensamento nietzschiano.

² Chamo de tradicional a leitura cristianizada feita desde o neoplatonismo, onde se valorizou os aspectos espirituais da filosofia platônica ignorando suas teorias práticas e políticas.

O problema analisado se encontra em alguns aspectos na crítica de Nietzsche a Platão. Na presente monografia farei uma releitura de Platão, trabalhando com as seguintes hipóteses: a crítica de Nietzsche se torna inconsistente na medida em que Platão não é fundador do pensamento ocidental niilista, Platão não negligencia o mundo real em prol de um mundo das ideias, ele valoriza o homem como pensamento e esse pensamento é ação.

Não limito a crítica de Nietzsche a esses pontos, tampouco creio que essas observações esgotem o problema apontado pelo filósofo contemporâneo, mas o recorte escolhido para esse trabalho se limitará a esses pontos.

Deixo claro que não separo aqui Platão e Sócrates, já que a fonte de informações sobre Sócrates é Platão, e creio também que Nietzsche não os separava³.

2. JUSTIFICATIVA

Diante do exposto, justifica-se a elaboração do presente projeto de monografia, visando uma releitura da filosofia platônica de modo a retirar Platão da leitura tradicional e voltar-se somente ao texto do autor em si. Nessa interpretação podemos então mostrar que a crítica nietzschiana não é ao Platão, e sim às interpretações posteriores sobre o seu pensamento que privilegiam um Platão metafísico e dualista e negligenciam o Platão mais prático e político.

Não nego que o próprio Nietzsche possa reconhecer em outras obras esse lado platônico, mas, na *Genealogia*, aproveitou-se da tradição para montar sua teoria genealógica, concepção essa muito mais disseminada que qualquer outra, reforçando a caracterização platônica, o que torna relevante para os estudos em filosofia a interpretação de Platão por ele mesmo, afastando-se da tradição que costuma cristianizar o filósofo.

3. OBJETIVOS

O objetivo desse trabalho monográfico consiste em uma apresentação do pensamento platônico como próximo ao de Nietzsche, esvaziando alguns aspectos da

³ Não encontrei em nenhum texto distinção entre as duas filosofias, além disso, o termo platônico-socrático usado por Nietzsche em vários momentos revela essa indissociação.

crítica do filósofo contemporâneo ao antigo. Primeiramente irei identificar as críticas de Nietzsche a Platão nas passagens da primeira dissertação da *Genealogia da Moral*, depois encontrarei as críticas em passagens de *República* e de *Fedro*, mostrando que o texto de Platão não reitera o afirmado por Nietzsche sobre o filósofo antigo. Por fim farei uma análise geral das consequências da má interpretação na primeira dissertação sobre a segunda e a terceira.

CAPÍTULO 1

PRIMEIRA DISSERTAÇÃO

Na primeira crítica da genealogia da moral, Nietzsche dedica-se a explicar as origens históricas do conceito de bom, pois para ele o erro comum da filosofia é não levar em conta o caráter histórico da construção de “bom” e isso faz com que tratem o bem como um valor absoluto.

Nietzsche começa mostrando a parte escondida da alma do homem que é imperfeita por natureza “alma imperfeita e vil”, esse ideal de homem que vai contra a tradição idealista cristã e platônica, pois revela as dores e os estranhamentos do homem em relação à sua existência; assim, alega um espírito de ressentimento contra os valores naturais e nobres impostos pelo cristianismo e por Platão.

“Esses psicólogos ingleses, aos quais até agora devemos as únicas tentativas de reconstituir a gênese da moral — em si mesmos eles representam um enigma nada pequeno; e é como enigmas em carne e osso, devo admitir, que eles têm uma vantagem essencial sobre seus livros — *eles são interessantes!* Esses psicólogos ingleses — que querem eles afinal? Voluntariamente ou não, estão sempre aplicados à mesma tarefa, ou seja, colocar em evidência a *partie honteuse* [o lado vergonhoso] de nosso mundo interior, e procurar o elemento operante, normativo, decisivo para o desenvolvimento, justamente ali onde o nosso orgulho intelectual menos *desejaria* encontrá-lo (por exemplo, na *vis inertiae* [força da inércia] do hábito, na faculdade do esquecimento, numa cega e casual engrenagem ou trama de ideias, ou em algo puramente passivo, automático, reflexo, molecular e fundamentalmente estúpido) — o que impele esses psicólogos sempre *nesta direção*? Seria um segredo, perverso, vulgar, a si mesmo talvez inconfesso instinto de apequenamento do homem? Ou, digamos, uma suspicácia pessimista, a desconfiança de idealistas desencantados, ensombrecidos, enfim venenosos e enraivecidos? Ou um certo desamor e rancor subterrâneo ao cristianismo (e a Platão), que talvez não tenha sequer alcançado o limiar da consciência? Ou mesmo um gosto lascivo pelo que é estranho, dolorosamente paradoxal, problemático e absurdo na existência? [...]”⁴

No trecho acima, vemos claramente que Nietzsche não distingue Platão do cristianismo, em relação ao que pregam moralmente. Para Nietzsche, Platão seria a base filosófica do fundamento⁵ cristão, ou seja, um inicializador precoce do cristianismo. E ambos, Platão e o cristianismo, são apontados como o início do declínio do homem: o niilismo.

"Com o termo niilismo (*der Niilismus*), ele procurava abarcar as diversas manifestações da doença ou crise inscritas na história do homem ocidental, de modo a atingir a razão

⁴ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trab. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2013. Pg. 15.

⁵ Com Nietzsche afirma "cristianismo é o platonismo para o povo" – NIETZSCHE, F. *O anti-Cristo*. Lisboa: Guimarães Ed.1988

comum dessa doença, qual seja, a instauração da interpretação moral da existência dá origem ao niilismo ocidental."⁶

O estudo genealógico é portanto fundamental para salvar o homem do seu terrível destino niilista.

"A questão da origem dos valores morais é, portanto, para mim de primeira ordem porque dela depende o futuro da humanidade."⁷

Nietzsche afirma que o juízo de bom não veio da nomeação dos nobres que nomearam coisas de acordo com a sua vontade, e chamaram de bom o que lhes parecia bom, o que eles eram, os bons. Com o declínio dos valores aristocráticos a nomeação de "bom" passa para a oposição egoísta e não egoísta, que se apossa da consciência humana e o instinto de rebanho toma a nomeação para si e associa o termo "bom" dos nobres com o desinteresse, como uma doença cerebral.

Enquanto a moral nobre nasce a partir de uma afirmação de si mesmo, a moral escrava, por vingança e ressentimento, se torna criadora de valor, tendo com base o não, o "não-eu", os nobres que eram genuinamente felizes e ativos, nem precisavam fingir e mentir para si mesmos, nem separavam a felicidade da ação, entendendo o agir como necessário para a felicidade.

"[...]do mesmo modo, sendo homens plenos, repletos de força e portanto necessariamente ativos, não sabiam separar a felicidade da ação - para eles, ser ativo é parte necessária da felicidade (nisso tem origem [fazer bem: estar bem] [...])"⁸

"O contrário sucede no modo de valoração nobre: ele age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão - seu conceito negativo, o "baixo", "comum", "ruim", é apenas uma imagem de contraste, pálida e posterior, em relação ao conceito básico, positivo, inteiramente perpassado de vida e paixão, "nós, os nobres, nós, os bons, os belos, os felizes!"⁹

Para os nobres a felicidade está na ação; já os homens do ressentimento, os passivos, forjaram a felicidade, mentem para si e para os outros, se protegem, se escondem e se apequenam.

⁶ ARALDI. *Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche*, Cadernos Nietzsche, São Paulo, v. 5, 1998, Pg. 76.

⁷ NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como cheguei a ser o que sou*. Trad. Lourival de Q. Henzel. 4. ed. São Paulo: Brasil, Pg. 131.

⁸ NIETZSCHE, F. (1987) Pg. 27.

⁹ IDEM. Pg. 26.

Os ressentidos, afirma Nietzsche, valorizam a inteligência, pois se apoiam nela como única medida; já o nobre se expõe de modo inconsequente e impulsivo. Quando os escravos tomam o poder eles querem adestrar a fera. A cultura veio para amansar o nobre, impedi-lo de ser autêntico. O homem está malgrado, pois é manso e ninguém teme o manso. Junto ao temor pelo homem perdemos o amor por ele. Isso é o niilismo, nos cansamos do homem.

1.1 NEGAÇÃO DO HOMEM AÇÃO

“A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação.”¹⁰

Força está ligada a vontade, a atividade, mas a moral do ressentimento exige que a força não se expresse como força, ou seja, deseja inibi-la chamando-a de maldade.¹¹

A linguagem ilude fazendo aparecer um sujeito independente da ação, mas não há um substrato livre que possa se posicionar diante da ação. Segundo Nietzsche não há nada além da ação como o apresentado na primeira dissertação da *Genealogia da moral*:

“[...] não existe ser por trás do fazer, do atuar, do devir, o agente é uma ficção acrescentada á ação – a ação é tudo.”¹²

Como podemos observar no trecho destacado, Nietzsche não acredita que exista diferença entre ser e agir, não existe o ser, é no agir que o que é o homem se mostra. Mas a tradição metafísica acredita que exista um substrato por trás da ação e isso se dá inicialmente pela crença de que não é possível se conhecer o devir, o movimento, a ação.

¹⁰ NIETZSCHE, F. (2013) Pg. 26.

¹¹ Nesse ponto é possível uma associação com a discussão entre Sócrates e Trasímaco no Livro I da *República* (336b a 354c), onde Trasímaco representa as ideias de força defendendo que a justiça é a conveniência do mais forte. Sócrates refuta dizendo que a justiça é a conveniência do mais fraco. Trasímaco afirma então que: “a vantagem do mais forte é a justiça e a injustiça é qualquer coisa de útil, a uma pessoa, e de vantajoso” (pensamento essencialmente Nietzscheano). Trasímaco resiste às argumentações de Sócrates por muito tempo, mas ao fim ele admite que o justo assemelha-se ao homem sábio e bom, e o injusto ao homem mau e ignorante. Decorrente disto, Sócrates conclui que a justiça é uma virtude e a injustiça um vício da alma e já que o filósofo atribui à alma a função da justiça. Conclui então que a vida do justo seria melhor que a do injusto, portanto o justo seria mais feliz. Nota-se portanto que mesmo defendendo a justiça como um bem em si, um ideal, referente a alma, a consequência da justiça é a felicidade, uma consequência prática e não externa ao mundo.

¹² NIETZSCHE, F. (2013) Pg. 33.

Segundo a leitura tradicional, Platão também teria acreditado nessa impossibilidade de conhecimento do mutável, e por isso formulou o mundo das ideias¹³, onde existem todas as coisas de forma fixa, sendo assim, o homem deveria abdicar do mundo sensível e se voltar para esse mundo ideal. Por isso Nietzsche aponta Platão como o inaugurador do pensamento que eleva a imaterialidade e a imutabilidade e, com isso, abre mão da vida prática, do homem como ação. Como explica Nietzsche:

“Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto - sua ação é no fundo reação.”¹⁴

1.2 PLATÃO – PENSAMENTO É AÇÃO

Contrariamente a leitura clássica de Platão, o filósofo parece não acreditar na possibilidade de se viver no mundo ideal, pelo menos não como homem (alma e corpo). Para a demonstração dessa impossibilidade começarei com um dos principais momentos da explicação platônica sobre o mundo das ideias, o mito da caverna.

Existe uma discussão se o mito da caverna pode ser realmente considerado um mero mito ou ilustração para simplificar uma teoria, tomaremos aqui o mito como uma demonstração da experiência filosófica vivida por Platão, ou até mais provavelmente, por Sócrates.¹⁵

No “mito”, Platão separa o mundo sensível, a caverna, do mundo inteligível, fora da caverna. Ele associa a luz à verdade, assim o homem dentro da caverna está no escuro, mas este homem não é cego, ele tem a capacidade de ver, o que sugere a capacidade de perceber, ainda que não tenha alcançado esse conhecimento ele tem potencial natural para isso.

Ao ser desacorrentado, o homem conhece as cores e os objetos reais, que representam as ideias. As sombras, que o homem acreditava ser os objetos reais quando

¹³ (Crátilo, 440a) Sócrates: “Nem seria mesmo razoável afirmar, Crátilo, a possibilidade do conhecimento, se todas as coisas se transformam e nada permanece fixo. Se isso mesmo, o conhecimento, não se modifica nem se afasta do conhecimento, então o conhecimento permanecerá e haverá conhecimento. Mas se a própria ideia do conhecimento se modificar, terá de transformar-se numa ideia diferente do conhecimento, e então não haverá conhecimento”.

¹⁴ NIETZSCHE, F. (2013) Pg 26.

¹⁵ Notemos que Platão não se intitula filósofo, permitindo esse título apenas a Sócrates.

estava na caverna, passa a ser compreendida como mera percepção distorcida do real, esses são os objetos sensíveis.¹⁶

O homem mexe o pescoço, o corpo e explora a caverna. Aos poucos ele vai saindo da caverna, por fim e com dificuldade – o caminho para o conhecimento não é simples e exige esforço - o homem enxerga o sol que está para nós como a ideia de bem está para o mundo das ideias, tal como Platão compara no livro VI¹⁷.

Sobre esse caminho existem muitas interpretações, pretendo defender que não existe de fato o fora da caverna, nunca vivemos¹⁸ fora da caverna. Isso é reiterado no livro VI com a imagem da “escadinha”¹⁹, proposta por Platão, que mostraria o processo de conhecimento de degrau em degrau passando pela imagem, depois pela crença, pela matemática e por fim alcançando o topo com a dialética. A imagem da “escada” não deve ser interpretada como se cada degrau fosse descartável após a subida, onde o conhecimento se encontraria inteiramente no topo, com a dialética, mas como se cada degrau fosse parte essencial da escada, onde o seu todo deve ser entendido como conhecimento e não apenas o último degrau.

Assim a “linha dividida” (*República* 509d a 511c)²⁰ não serve para separar o mundo das ideias do sensível, mas sim determina o lugar do filósofo que é aquele intermediário, que olha o mundo das ideias e o sensível equidistantemente.

Não nego aqui que a dialética é fundamental e necessária para o conhecimento, mas não é por sua importância indiscutível que as demais etapas possam ser ignoradas.

“O método da dialética é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada elevando-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los as artes que analisamos.”²¹

¹⁶ Como descrevo no em: Costa, Admar. Haddad, Alice. Oliveira, Karoline. Baroni, Luisa. Platão. In: Filho, Celso. Ribeiro, Luís. *Para que filosofia? um guia para o ensino médio*. Rio de Janeiro: Nau, 2014.

¹⁷ (*República* 508-c)“ - Podes, portando, dizer que é o Sol, que eu considero filho do bem, que o bem gerou a sua semelhança, o qual bem é, no mundo inteligível, em relação a inteligência e ao inteligível, o mesmo que o Sol no mundo visível em relação a vista e ao visível.”

¹⁸ O homem pode vislumbrar o fora da caverna, mas não se vive lá. É nesse ponto que defendo uma diferença entre a metafísica e a filosofia prática de Platão, tradicionalmente confundida.

¹⁹ Imagem 1- vide Pg. 36.

²⁰ (*República* 508b-508-c)“Podes, portanto, dizer que é o Sol, que eu considero filho do bem, que o bem gerou a sua semelhança, o qual bem é, no mundo inteligível, em relação à inteligência e ao inteligível, o mesmo que o Sol no mundo visível em relação à vista e ao visível.”

²¹ PLATÃO. (2012). Pg.: 347 (533c – d).

O trecho, além de deixar claro que o “lodo bárbaro” é utilizado como auxiliar para o conhecimento do bem, também se refere à dialética como um método, um caminho que destrói, torna, arrasta, eleva. Ou seja, Platão define a dialética como algo em movimento, que movimenta. É importante notar também que no topo da escada não está a ideia e sim a dialética, que é o meio de se alcançar as ideias. Não há acesso direto às ideias, pois as ideias estão no tangível pela alma, e enquanto homem, não podemos separar fisicamente corpo e alma.

O homem no mito ainda volta para a caverna para libertar os outros homens. Aqui é onde se encontra mais interpretações, primeiro faz parecer que não basta contemplar as ideias, é necessário voltar, o caminho de subida e descida é a grande sabedoria do filósofo. Como em Sócrates, Platão acredita que a busca pelo conhecimento é o que te mantém em contato com ele.

Assim, ideia não tem movimento, mas é posta em movimento pela dialética que relaciona ideias²², ideias com ações e ideias com objetos, aí é que mora o conhecimento, não basta reconhecer ideias, é necessário relacioná-las, como expresso na “teoria dos dedos” (*República* 523a-525a)²³. Nem discursos nem teorias, em Platão, estão prontos e fixos, mas eles obedecem à dinâmica de perguntas, repostas, teses e antíteses. Pensar na ideia a põe em movimento e esse “movimentar das ideias” é a função do filósofo, por isso Platão dá tanta importância ao diálogo.

O Sócrates platônico está sempre perguntando: “o que é?”, “como é?”, “qual a definição?”. O próprio Sócrates questiona suas respostas em várias ocasiões. Lembremos aqui que o próprio Platão anuncia que a cidade²⁴ concebida em discurso, ao longo de todo o livro *A República*, acabaria por se corromper, inevitavelmente.

“- Agora, quantos as honrarias, tento em vista os mesmos princípios, receberá e saboreará de bom grado umas, aquelas que entender os que o tornam melhor; mas das

²² Ideias com ideias.

²³ (*República* - 524e-525^a) “Mas raciocina por analogia com o que vimos anteriormente. Se a unidade é suficientemente vista tal como é, ou é apreendida por meio de qualquer outro sentido, não nos levaria até a essência, tal como dissemos a propósito do dedo. Mas, se na visão da unidade há sempre ao mesmo tempo uma certa contradição, de tal modo que não parece ser mais do que o seu inverso, será portando já necessário quem julgue a questão, e em tal situação a alma seria forçada a uma posição de embaraço e a procurar, pondo em ação dentro de si o entendimento, a indagar o que será a unidade em si, e assim é que a apreensão intelectual da unidade pode pertencer ao número das que incitam e voltam o espírito para a contemplação do Ser.”

²⁴ Kalipolis.

que tiveram um efeito dissolvente sobre o estado da sua alma, fugirá delas em particular e em público.

- Por conseguinte, não estará disposto a ter atuação política, se realmente se preocupa com tais questões.

- Pelo Perro! - exclamei eu – Estará, e muito, na sua própria cidade, mas talvez na sua pátria a menos que concorra um acaso divino.

- Compreendo. Refere-te a cidade que edificamos a pouco em nossa exposição, aquela que esta fundada só em palavras, pois creio bem que não se encontra em parte alguma da Terra.” (592a - 292b)

Ademais, se analisarmos com cuidado essa passagem do livro VII, Platão faz uma série de perguntas em relação a esse prisioneiro regresso. Ele não seria tão bom em reconhecer as sombras dentro da caverna, também não enxergaria tão bem no escuro pois seus olhos não estão mais adaptados a escuridão. Talvez o prisioneiro liberto não saiba mais que os cativos e sim saiba coisas diferentes, certamente mais nítidas e superiores, mas não conhece tudo porque está atento ao mundo fora da caverna e na caverna existe sim um saber próprio que não pode ser ignorado.

Assim, tento mostrar que no mundo sensível não há somente sensações, mas percepções que fornecem dados e que fazem parte na construção do pensamento, mesmo que esses dados só sejam compreensíveis à luz das ideias.

Assim como mostrado na *República*, também no *Fedro*, está a maior demonstração de que, para Platão, o conhecimento é movimento. Logo no início do diálogo Sócrates pergunta:

“Meu caro Fedro! Para onde vais, de onde vens?”²⁵

Esse tipo de pergunta é comum nos textos platônicos, mostrando a importância que ele dá ao deslocamento, o ir e vir. E embora *Fedro* tenha muitas passagens que corroboram com a ideia de movimento, vou me ater na explicação de Sócrates sobre a alma.

“Toda a alma é imortal, pois aquilo que move a si mesmo é imortal. [...] Somente o que a si mesmo si move, nunca saindo de si, jamais cessará de mover-se, e é, para as demais coisas movidas, fonte e início de movimento.”²⁶

²⁵ PLATÃO. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: Editora da Universidade Federal do Pará, 2003. Coleção Diálogos de Platão, vol. 3. Edição bilíngue. Pg.: 55.

²⁶ PLATÃO. (2003). Pg.: 83

Platão expõe explicitamente que a alma não só é um movimento eterno, como é fonte eterna de movimento para todas as coisas. Ainda em *Fedro*, no mito da parelha alada Platão diz:

“A alma pode ser comparada com uma força natural e ativa [...]”²⁷

E anteriormente ele disse:

“Cada corpo movido de fora é inanimado. O corpo movido de dentro é animado, pois o que é movimento é da natureza da alma”²⁸

Assim, Platão relaciona vida a movimento, todo ser animado está em movimento, mas não em um movimento de degradação física somente, pois isso seria um movimento de fora, enquanto a natureza da vida é o movimento da alma que é um movimento eterno. Ora, como Platão abre mão de conhecer o devir se a alma que é o meio de conhecimento está e é fonte de movimento?

Respondo: Platão não abdica do movimento, nem vê nele a impossibilidade do conhecimento. Embora as ideias sejam imutáveis, a nossa maneira de as alcançar é pelo movimento, pelo subir e descer os degraus da caverna é um mover-se, descolar-se e olhar tudo ao redor como faz o prisioneiro liberto na caverna, ele se desloca, vai e volta.

Para ainda confirmar o que afirmo Platão diz em *Fedro*:

"O ponto está, inicialmente, em alcançar a verdade a respeito da natureza da alma, assim divina como humana, pela observação de seus atos e paixões. O começo é como se segue. A alma toda é imortal, pois o que move a si mesmo é imortal; porém o que movimenta outra coisa ou é movido por outra coisa, deixa de viver quando cessa o movimento. Somente o ser que a si mesmo se movimenta, pelo fato de nunca abandonar-se, é que não para de mover-se, como é fonte e princípio de movimento para tudo o que recebe movimento do de fora. Só o princípio não é gerado”²⁹

Nesse trecho, Platão afirma claramente que para alcançarmos a verdade da alma humana temos que observar seus atos e paixões³⁰. Se atos e paixões são o princípio do conhecimento de algo tão fundamental da filosofia platônica, é evidente que ele não os ignora.

²⁷ PLATÃO. (2003). Pg.: 82

²⁸ IDEM.

²⁹ PLATÃO. (2003). (254c-d)

³⁰ O conhecimento da alma se dá através de *pathe te kai erga*.

Por fim, me permito alegar que Platão não é o inaugurador do niilismo no que diz respeito a negação da ação, ele não rejeita o movimento nem o saber sensível, pelo contrário, o saber sensível é auxiliar do conhecimento, bem como é pela ação a única forma de obter conhecimento.

CAPÍTULO 2

SEGUNDA E A TERCEIRA DISSERTAÇÃO

Nietzsche critica a construção moral na primeira dissertação, nas duas dissertações seguintes ele se preocupa em pontuar como essa moral escrava se expressa na sociedade contemporânea levando-a ao niilismo, pois Nietzsche compreende que somente se aproximando do sujeito, voltando-se para si, será possível encontrar a saída do niilismo.

“Nós, que somos homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? Com razão alguém disse: "onde estiver meu tesouro estará também teu coração". Nosso tesouro está onde estão as colmeias do nosso conhecimento. Estamos sempre a caminho delas, sendo por natureza criaturas alados e colhedoras do mel do espírito³¹, tendo no coração apenas um propósito – levar algo "para casa". Quanto ao mais da vida, as chamadas "vivências, qual de nós pode levá-las a sério? Ou ter tempo para elas? Nas experiências presentes, receio, estamos sempre ausentes; nelas não temos nosso coração - para elas não temos ouvidos... [...] - para nós somos "homens do conhecimento"”.³²

O distanciamento do homem de si mesmo para “nutrir o espírito” está na ideia do que Nietzsche chama de transvaloração dos valores, mostrando que o problema da filosofia é um problema de valor. Nietzsche aponta a filosofia platônica e o cristianismo como os responsáveis por fazer o homem transferir valores para a conveniência dos mais fracos afastando-se assim o homem do próprio homem.

Na primeira dissertação, como já comentado, Nietzsche investiga a origem dos valores de bem e mau mostrando como esses foram corrompidos do seu valor original pela moral do ressentimento. Na segunda dissertação, ele trabalha os conceitos de “culpa” e “má consciência”.

“...Mas como veio ao mundo aquela outra ‘coisa sombria’, a consciência da culpa, a má consciência?”³³

³¹ Referência crítica a *Fedro* de Platão: (Fedro 248) “A razão que atrai as almas para céu da Verdade é que somente aí poderiam elas encontrar o alimento capaz de nutri-las e de desenvolver-lhes as asas, alimento que conduz a alma para longe das baixas paixões.”

³² NIETZSCHE, F. (2013) prólogo Pg.7. §1

³³ NIETZSCHE, F. (2013) prólogo Pg.48. §4

Na terceira dissertação Nietzsche questionará a respeito do ideal ascético e qual o seu valor para o homem:

“O que significam ideais ascéticos? – Para os artistas nada, ou coisas demais; para os filósofos e eruditos, algo como instinto e faro para as condições propícias a uma elevada espiritualidade [...]”³⁴

Nas três dissertações Nietzsche busca as origens dessa transvaloração da moral, na primeira dissertação pela inversão dos conceitos de bom e mau, na segunda ele apresenta a origem da culpa, má consciência humana e por fim a culminância dessas valorações que têm como única saída o ideal ascético.

2.1 CULPA E MÁ CONSCIÊNCIA

Na segunda dissertação da *Genealogia da moral* Nietzsche começa falando a respeito da promessa:

“Criar um animal que pode *fazer promessas* – não é esta a tarefa paradoxal que a natureza se impôs, com relação ao homem?”³⁵

A capacidade de prometer é útil para o homem, pois somos “vontade de potência”, o que nos permite agir no mundo, criar sentido e atribuir valores – preços, medidas etc. Ao dar valor às coisas, temos poder de fazer trocas, ao trocar criamos crédito e dívida e na relação credor-devedor, nasce então a promessa, e como consequência, o castigo e a culpa.

Nos primórdios da humanidade o castigo estava na relação credor-devedor e existia exatamente para impedir a culpa; ao pagar a dívida como punição põe-se fim à questão. Mas a culpa, que estava originalmente ligada ao valor material, foi interiorizada tornou-se psicológica, criou a consciência do dever, gerou a vergonha e acima de tudo o medo do castigo e da dor.

Claro que a punição tem que estar ligada a dor, e até mesmo a dor tinha valor positivo na pré-história da humanidade, pois a dor é necessária e sempre exterior, ela

³⁴ NIETZSCHE, F. (2013) Pg.81.§1

³⁵ NIETZSCHE, F. (2013) Pg.43.

faz parte da vida, e por isso é preciso amá-la, não temê-la. A dor é a única forma de ativar a memória, fazê-lo lembrar de suas promessas, pois a dor marca, fazendo-o lembrar posteriormente, e assim, ela serve para o pagamento de dívida e faz o homem lembrar de suas promessas para poder cumpri-las³⁶.

“Sem crueldade não há festa: é o que ensina a mais antiga e mais longa história do homem – e no castigo também há muito de festivo!”³⁷

Mas o homem começou um processo de interiorização da sua natureza, chamada por Nietzsche de “interiorização do homem”³⁸ – processo causado pelas constantes e intensas represálias sociais, oriundas da moral do ressentimento, que impede que as forças instintivas humanas se exteriorizem, formando, assim, a má consciência. A origem da interiorização foi quando o homem tornou-se incapaz de esquecer, ou seja, a origem da “interiorização do homem” está na memória.

“Na sua *Genealogia da moral*, mais precisamente na segunda dissertação, o filósofo faz uma avaliação de como a capacidade de memorizar contribuiu, decididamente, para a criação de um homem capaz de prometer. Segundo ele, o desenvolvimento da prática da promessa culminou na culpa. Uma má-consciência que domesticou o homem; fez dele um ser gregário e fraco. Portanto, tentar-se-á mostrar que o ressentimento não é apenas uma mera enfermidade, mas a mais profunda delas, que instituiu a moral escrava, o instinto de rebanho e o sentimento de vingança.”³⁹

Ele aponta então a necessidade do esquecimento como uma força inibidora ativa e positiva, que fecha temporariamente a consciência para que haja lugar para o novo, trazendo paz e felicidade, mas a moral escrava desenvolveu no homem a incapacidade de esquecer que leva à culpa.

³⁶ Ou não, mas com consciência de que poderá ser punido.

³⁷ NIETZSCHE, F. . (2013). Pg.51.

³⁸ (NIETZSCHE, 2009, p. 67(grifos do autor)): “[...] todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo de interiorização do homem: é assim que no homem cresce o que depois se denomina “alma”. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi inibido em sua descarga para fora [...]” retirado de: FARIAS, Ícaro. “Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche” in *Revista Húmus* nº 7. 2013.

³⁹ FARIAS, Ícaro. “Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche” in *Revista Húmus* nº 7. 2013.

“Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo de órgãos serviçais e cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de tábula rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar [...] eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento”⁴⁰

O homem moderno, então, nunca esquece e por isso é incapaz de ser feliz. Ele está sempre imerso na culpa.

Nietzsche defende que o advento da má consciência inaugurado por Sócrates e disseminada pelo cristianismo fez a culpa alcançar seu grau máximo, dando a ela caráter de sofrimento e vingança. Essa vingança aparece na forma de ressentimento; por ser fraco, o escravo não consegue lutar contra o forte, então cria através do discurso uma maneira de se vingar do nobre, de apequená-lo para se sentir maior. Com as palavras o fraco inverte valores, impede que o homem esqueça e se livre da culpa. A “razão” é a única arma dos fracos, e ao usá-la eles venceram.

“é a ironia de Sócrates uma expressão de revolta? De ressentimento plebeu? [...] O dialético despota o intelecto de seu adversário. – Como? É a dialética apenas uma forma de vingança, em Sócrates? [...] O dialético deixa para seu adversário o ônus de provar que não é um idiota [...]”⁴¹

“A partir desse único ponto acreditava Sócrates ter de corrigir a existência: ele sozinho, trazendo no rosto a expressão do desdém e da altivez, faz da sua aparição, como precursor de uma Cultura, Arte e Moral de espécie totalmente outra [...]”⁴²

Nietzsche coloca Sócrates como o primeiro e mais proeminente fraco vencedor: um homem feio, sem descendência nobre e desprovido de qualquer atributo nobre,⁴³ conseguir desapontar como um homem de tanta influência e tantas conquistas, justamente em uma sociedade que dá enorme valor a aparência e à apreciação estética.

⁴⁰ NIETZSCHE, F. (2013). Pg.43.

⁴¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das letras, 2006. §7.

⁴² NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. §13.

⁴³ Com exceção do fato de Sócrates ser um guerreiro e já ter lutado por Atenas.

Na tentativa de defender Platão – ou melhor, o Sócrates platônico – de acusações tão disseminadas na cultura filosófica utilizarei palavras do próprio Nietzsche.

“A indicação do caminho certo me foi dada pela seguinte questão: que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para "bom" cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual - que, em toda parte, "nobre", "aristocrático", no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu "bom", no sentido de "espiritualmente nobre", "aristocrático", de "espiritualmente bem-nascido", "espiritualmente privilegiado”.⁴⁴

Sobre esse fragmento gostaria de assinalar dois pontos: o primeiro é que a definição nobre não tem relação direta com título de nobreza, é algo interno, espiritual⁴⁵. O homem nobre é aquele que nasce de natureza nobre independente de sua posição social. O segundo ponto é que os nobres são os criadores das palavras e dos valores, o que é reafirmado no seguinte fragmento:

“O contrário sucede no modo de valoração nobre: ele age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão - seu conceito negativo, o "baixo", "comum", "ruim", é apenas uma imagem de contraste, pálida e posterior, em relação ao conceito básico, positivo, inteiramente perpassado de vida e paixão, "nós, os nobres, nós, os bons, os belos, os felizes!". Quando o modo de valoração nobre se equivoca e peca contra a realidade, isso ocorre com relação à esfera que não lhe é familiar, que ele inclusive se recusa bruscamente a conhecer: por vezes não reconhece a esfera por ele desprezada, a do homem comum, do povo baixo; por outro lado, considere-se que o afeto do desprezo, do olhar de cima para baixo, do olhar superiormente, a supor que falseie a imagem do desprezado, em todo caso estará muito longe do falseamento com que o ódio entranhado, a vingança do impotente, atacará - *in effigie*, naturalmente - o seu adversário.”⁴⁶

Nietzsche também afirma no trecho destacado que o nobre, ao nomear a partir de si, não erra, a não ser que seja sobre o que ele desconhece e desconhece por falta de importância, ou seja, se errar, erra sobre o fraco, nunca sobre o forte, aquilo que ele mesmo é.

Mas se examinarmos bem o Sócrates platônico podemos notar que esse se enquadra bem na definição de nobre nietzschiano. Pois Sócrates criou nomes, a partir

⁴⁴ NIETZSCHE, F. (2013). Pg.18.§4

⁴⁵ Tipo nobre.

⁴⁶ NIETZSCHE, F. (2013). Pg.26.§10

dele mesmo, não era nobre de título, mas se destacou entre os nobres, era feio e conquistou os mais belos, era pobre e seduziu os mais ricos. Quem mais faria isso que um nobre de espírito?

Voltando as palavras de Nietzsche sobre Sócrates:

"dialético deixa para seu adversário o ônus de provar que não é um idiota [...]" ⁴⁷

e ainda:

"A partir desse único ponto acreditava Sócrates ter de corrigir a existência: ele sozinho, trazendo no rosto a expressão do desdém e da altivez, [...]" ⁴⁸

Esses dois trechos que falam sobre "provar que não é um idiota", desdém e altivez sugere um certo *pathos da distância*, outra característica nobre.

"[...] o juízo "bom" não provém daqueles aos quais se fez o "bem"! Foram os "bons" mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu. Desse *pathos da distância* é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores: que lhes importava a utilidade!" ⁴⁹

O comentário de Nietzsche reafirma que os bons, os nobres, são aqueles que criam nomes e valores, e acrescenta que o desprezo pelo baixo e pelo vulgar é a motivação nobre para esse poder de nomear. O *pathos da distância* está na natureza do nobre de criar para si os valores que lhe interessam, sem se importar com a utilidade para o outros.

Além disso, Nietzsche aponta Sócrates como o criador de toda a moral histórica que culmina na modernidade, logo Sócrates é um criador nomes e valores como a definição de Nietzsche sobre o nobre.

⁴⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das letras, 2006. §7.

⁴⁸ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. §13.

⁴⁹ NIETZSCHE, F. (2013). Pg.17. §2

“Foram os "bons" mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons[...]”⁵⁰.

“[...] faz da sua aparição, como precursor de uma Cultura, Arte e Moral de espécie totalmente outra [...]”⁵¹

Sendo assim, Sócrates criou valores, não para os outros, mas para si. A partir de si, Sócrates instaurou todo um pensamento moral, estético e cultural, fazendo dele mesmo o centro e o símbolo de tudo que é bom e desejável. Ele nomeou tudo que ele era como bom, sobrando aos outros o ruim. Logo, Sócrates não foi um fraco vencedor e sim um forte nomeador, e, se usaram essa nova moral para o bem ou para o mal, isso pouco lhe importou.⁵²

Além desses dois pontos centrais, Sócrates ainda apresenta outras características que lhe mostra como nobre. Pois, para Nietzsche, em primeiro lugar o nobre tem que saber obedecer a si mesmo, o que Nietzsche chama, na *Gaia Ciência*, o saber “Dar estilo ao Caráter, uma arte grande e rara”, depois ele tem que coagir seus impulsos e hábitos mais fracos para não agir, ou seja, que o impedem de ser aquilo que ele é (e criar uma segunda natureza mais forte). Nietzsche ainda afirma que alguém vem a “tornar-se o que se é”, é alguém merecedor do título de “senhor de si mesmo”.

Sócrates foi o máximo de si mesmo, conhecia tanto a natureza humana e a própria natureza que fez o mundo se adequar a ele. Sócrates podia não ter definição das coisas,⁵³ nas sabia como elas funcionavam a tal ponto que nem a morte o assustou, um homem tão dono de si não pode ser considerado fraco, é sim um nobre.

Também o "daimonion" socrático pode ser entendido justamente como o que impede Sócrates de ceder ao impulso do trivial, ou da subordinação como quando ele inicia e renuncia a seguir o discurso de Lísias em *Fedro*.

⁵⁰ NIETZSCHE, F. (2013). Pg.17.§1

⁵¹ NIETZSCHE, F. (1992). Pg.16 §1.

⁵² Sócrates pode ter permitido a moral do ressentimento, mas ele mesmo não era um ressentido. Se os fracos aproveitaram de seu discurso para reverter a moral, isso não cabe a Sócrates, pois o próprio Nietzsche admite que o forte ignora o fraco. Ou seja, se Nietzsche pode levantar alguma crítica a moral socrático-platonica é a sua interpretação posterior, ao platonismo, e não ao próprio Platão.

⁵³ Tampouco Nietzsche.

“Quando quis atravessa o regato despertou em mim o “daimonion” manifestou-se o sinal costumeiro Ele sempre me impede de fazer o que desejo. Pareceu-me ouvi uma voz que pare vir-me cá de dentro e que não me permitia ir embora antes de oferecer aos deuses uma expiação, como se eu houvesse cometido alguma impiedade [...]”⁵⁴

Não é difícil ver Lísias⁵⁵ como um fraco. O seu discurso pretende reverter a relação amante-amado para poder então se tornar um possível amante de Fedro⁵⁶. Esse caminho parecia mais fácil e Sócrates poderia facilmente se aproveitar dessa inversão para conquistar Fedro. Mas não o fez, ou pelo menos não conseguiu fazer até o final, quando avisado pelo "daimonion", notou que agia como um fraco. Sua alma nobre o fez conquistar Fedro sem partir do não, o não amado, mas a partir de si.

Diante dessas associações permito-me apontar Sócrates como um tipo nobre, mostrando mais uma vez que as críticas nietzschianas se esvaziam a medida que nos aproximamos dos textos de Platão.

2.2 IDEAL ASCÉTICO

Nietzsche acusou o pensamento clássico e cristão de iniciar a degeneração da cultura do forte, pois ambos elevaram a razão a um polo unificador, em que o corpo e os instintos são incapazes de determinar valores “bom” e “mau”. Dessa cultura resultou a modernidade. Com os valores deturpados e invertidos, todo conhecimento, toda moral e toda arte se subjugam ao que Nietzsche denominou de ideal ascético, cujos valores são contrários à natureza do homem, onde a culpa e a má-consciência reprimem todos os aspectos corpóreos e sensíveis do homem. Assim, ascetismo é a culminância dos esforços metafísicos para alcançar seus objetivos “espirituais” e acabou tornando-se o referencial de todos os valores, promovendo um além desta vida, e tornou transcendente a vida, que é imanente.

Nietzsche definiu, na terceira dissertação da *Genealogia da Moral*:

“O homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, *não* nega em si o sofrer, ele o deseja, ele o *deseja*, ele o procura inclusive, desde que lhe seja mostrado um sentido, um *para quê* no sofrimento. A falta de sentido no sofrer, *não* o sofrer, era a

⁵⁴ PLATÃO. (2003). (242)

⁵⁵ Pelo menos em *Fedro*

⁵⁶ É uma leitura comum - que compartilho - que Lísias escreveu o discurso para conquistar Fedro. Pois, Lísias não estava entre os interesses de Fedro, mas subvertendo a ordem e convencendo Fedro a escolher alguém que não amasse, passaria a ser uma possível escolha.

maldição que até então se estendia sobre a humanidade – *o ideal ascético lhe ofereceu um sentido!* Foi até agora o único sentido; qual sentido é melhor que nenhum; o ideal ascético foi até o momento, de toda maneira, o “*faute de mieux*” [mal menor] *par excellence*. Nele o sentimento era *interpretado*; a monstruosa lacuna parecia preenchida; a porta se fechava para todo o niilismo suicida. A interpretação – não a dúvida – trouxe consigo novo sofrimento, mais profundo, mais íntimo, mais venenoso e nocivo a vida: colocou todo o sofrimento na perspectiva da *culpa*... Mas apesar de tudo – o homem estava *salvo*, ele possuía um *sentido*, a partir de então não era mais uma folha ao vento, um brinquedo do absurdo, do sem sentido, ele podia querer algo – não importando no momento para que direção, com que fim, com que meio ele que meio ele queria: *a vontade mesma estava salva*. Não se pode em absoluto esconder o que o que se expressa realmente todo esse querer que o ideal ascético receba sua orientação: esse ódio ao que é humano, mas ainda ao que é animal, mais ainda ao que é matéria, esse horror aos sentidos, a razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, o anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte, devir, desejo, anseio – tudo isso significa, ousamos compreendê-lo, uma *vontade de nada*, uma aversão à vida, uma revolta contra os fundamentos pressupostos da vida, mas é e continua sendo uma *vontade!*... E, para repetir em conclusão o que afirmei no início: preferirá ainda querer o nada a nada querer”⁵⁷

O ideal ascético é tido como uma ferramenta na luta contra a falta de sentido para a dor, o tédio, a melancolia, entre outros sentimentos arrebatadores que sancionam o sofrimento. O homem deseja o sofrimento, mas para tomá-lo precisa de um motivo, mas o ascetismo é querer o vazio⁵⁸, por isso Nietzsche afirma: “preferirá ainda querer o nada a nada querer”.

“[...] uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesmo, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força[...]”⁵⁹

Os ideais ascéticos são aqueles que viram a vida contra ela mesma, onde a vontade de potência pretende dominar a si mesma, sendo os ideais ascéticos o resultado do niilismo absoluto. Assim, ele apresenta uma contradição, pois ao mesmo tempo que a deseja significar a vida, recusa a vida, nega o corpo e promove a desarmonia voluntária para autenticar a satisfação no malogrado, isto é, promove proteção da vida fugindo dela mesma.

57 NIETZSCHE, F. (2015). PP.139 e 140.§28.

58 A palavra “nirvana”, ou pé da letra significa: nir = não e vana = sopro, ou seja, o nirvana é o sopro de vida que não há, o niilismo total. Assim, a castração dos instintos e a única maneira de lidar com eles nos sobrando uma não a vida.

59 NIETZSCHE, F. (2015). Pg.99.§11.

Nesse sentido, o ideal ascético ao criar atalhos para superação dos males da existência, a busca por uma verdadeira realidade no “além” - num “além” da vida, céu, paraíso, nirvana – é apresentada como ideal que só pode ser alcançado quando nos posicionamos contra o mundo do vir a ser, é uma forma antinatural, opaca, hostil e perversa, que enaltece tudo que é contrário à vida humana ao invés de intensificá-la. Assim, toda promessa de felicidade através do conhecimento, no ideal ascético, apenas aprofunda a estagnação do homem frente à vida, o imobiliza, o tira da ação, fazendo perder seu lado humano.

“Mas não poderia haver erro maior e mais fatal do que os felizes, os bem logrados, os poderosos de corpo e alma começarem a duvidar assim do seu direito à felicidade. Fora com esse ‘mundo do avesso’! Fora com esse debilitamento do sentimento! Que os doentes não tornem os sadios doentes [...]”⁶⁰

O ideal ascético reafirma a moral dos fracos em contrapartida à moral dos fortes, pois só os fortes são capazes de gerar valores que dizem “sim” à vida, já os fracos renunciam a si, à sua vontade, potencializando um instinto de rebanho que diz “não” à existência.

Além disso, os ideais ascéticos são o suporte da religião, da moral, da filosofia e da ciência, ou seja, são eles que dão sentido ao modo como o homem viveu até agora. É por isso que nem a morte de Deus, nem o fim da metafísica, nem as revoluções da ciência são capazes de remover os ideais ascéticos das entranhas da humanidade. Sem os ideais algo falta, a existência não faz sentido, e o homem precisa saber o seu lugar no mundo.

Em resumo, a cultura moderna é considerada pela perspectiva nietzscheana como uma cultura doente, pautada em um homem que encontra sentido na vida no desejo de livrar-se de si mesmo. O ascetismo é parte da vingança escrava, que impede o nobre de se afirmar, de ser si mesmo e de ser feliz. E Platão teria inaugurado esse ascetismo, propondo com um mundo das ideias, uma abnegação do corpo pela alma, abrindo mão da vida mundana pela vida eterna da alma.

Mas, como já visto, a imobilização platônica não é uma verdade, nem a sua abnegação do corpo, tampouco seu caráter ressentido se confirma. É evidente que Platão vê o conhecimento como fonte da felicidade, porém não é abrindo mão de seus prazeres mais fundamentais que isso se torna possível.

⁶⁰ NIETZSCHE, F (2005). Pg.105.§14.

“Depois de tudo que dissemos, chegamos a quarta espécie de delírio: ocorre quando alguém desse mundo vê a beleza[...]. De todos os entusiasmos estes é o melhor e o da mais pura origem; saudável para quem o possui e dele participa. Quem delira assim, ama o que é belo e chama-se amante.”⁶¹

Nesse trecho pode-se destacar duas informações importantes: na primeira fica claro que a beleza que desperta o amor é mesmo a beleza física, presente no mundo sensível – ainda que remeta a ideia de beleza. Na segunda é que o delírio é algo bom e positivo como Platão defende em *Fedro*:

“E esse fato deve ser mencionado como prova de que também os antigos, inventores dos nomes das coisas, não consideravam a loucura como desprezível ou desonesta. [...] - e assim também o delírio que provém dos deuses é mais nobre que a sabedoria que vem dos homens.”⁶²

Com isso Platão reafirma que o mundo sensível é parte necessária da vida e que nem tudo se pauta na razão absoluta. A felicidade então não pode abdicar-se do sensível⁶³ e, se a felicidade é possível, não é ignorando os prazeres sensíveis que a alcançaremos.

Lendo Platão fica claro que a felicidade é possível, onde a felicidade é a justiça como expresso o livro I da *República*:

“– Não concordamos que a justiça é uma virtude da alma, e a injustiça um defeito? – Concordámos, efectivamente. – Logo, a alma justa e o homem justo viveram bem, e o injusto mal. – Assim parece, segundo o teu raciocínio. – Mas sem dúvida o que vive bem é feliz, e o injusto é desgraçado.”⁶⁴

Porém a justiça só é possível com a harmonia da alma.

⁶¹ PLATÃO. (2003). Pg.86

⁶² PLATÃO. (2003). Pg.80

⁶³ Sócrates participava de banquetes, apreciava o bom vinho e comida. Se Platão achasse necessário a negação do mundo sensível. Seu personagem principal condenaria tais prazeres e não participaria deles.

⁶⁴ PLATÃO. (2012). Pg.: 50 (353e a 354a).

“[...] Sócrates declara que fundada a cidade, estão agora aptos a procurar <<onde poderia estar a justiça e a injustiça>>. Ora, se a cidade perfeita terá que possuir quatro virtudes, sabedoria (sophia), coragem (andreia), temperança (sophrosyne) e justiça (dikaiosyne). Definidas as três primeiras, atingir-se-á a quarta por exclusão de partes. Se a primeira encontra-se nos guardiões, a segunda nos guerreiros na harmonia geral de todas as classes, a justiça será que cada um exerça uma só função na sociedade, aquela para qual, por natureza, foi dotado. [...] Ora a cidade tinha três classes: os guardiões, os militares e os artífices. Também a alma do indivíduo tem três elementos: apetitivo, espiritual e racional. Aos apetites cabe obedecer, às emoções assistir, à razão governar.”⁶⁵

Assim, a justiça só é possível na harmonia entre a função na cidade e as partes da alma. A cidade deve organizar-se da mesma forma que a alma se organiza: quem tem o lado apetitivo da alma aflorado deve assumir funções comerciais, pois sua alma está disposta à produção e à conquista de bens (dinheiro), a quem tem a alma é mais voltada para as emoções caberia o papel de guardião, pois a proteção e o espírito de equipe ressaltam em sua alma. Por fim, a quem a razão governa a alma deve ser governante, filósofo. Embora Platão se dedique mais a função do governante, ele não descarta de forma nenhuma as outras duas, ao contrário, a justiça só é possível pela harmonização das três funções na cidade, ou seja, até a felicidade do filósofo depende das outras partes da cidade.

“O princípio de entrada estabelecidos que devia observar-se em todas as circunstâncias, quando fundamos a cidade, esse princípio é, segundo me parece, ou ele ou uma de suas formas, a justiça. Ora nos estabelecemos, segundo suponho, e repeti-lo muitas vezes, se bem te lembrar, que cada um deve ocupar-se de uma função na cidade, aquela para a qual a sua natureza é mais adequada.”⁶⁶

Se para o filósofo o conhecimento e a ideia de bem é o que lhe traz felicidade, para cada tipo de alma há um tipo de felicidade. É importante ressaltar que nem todos podem ser filósofos, logo, há várias formas de felicidade.

Entendo, então, se Platão propõe mesmo um ideal ascético, este seria somente aos filósofos e não se estenderia a todas as pessoas. O sentido da vida para cada um seria estabelecido pela própria alma e não como uma receita de felicidade universal.

Porém, a justiça é uma ação, é um fazer prático. Sendo um agir no mundo a justiça não pode ser uma renúncia, logo, se o ideal para a felicidade do filósofo é a

⁶⁵ PLATÃO. (2012). Introdução Pg.: XXIII

⁶⁶ PLATÃO. (2012). Pg.: 185 (433^a).

justiça, nem mesmo para o filósofo o ascetismo não é de modo nenhum recomendado. Pelos motivos mencionados, mas uma vez, a crítica nietzschiana não se sustenta.

CONCLUSÃO

Nietzsche e Platão são filósofos da maior importância não só dentro da história da filosofia como na história do pensamento em geral, influenciando pensadores em diversas áreas do conhecimento. Mesmo estando os dois em extremos opostos do pensamento metafísico⁶⁷ os dois filósofos têm muito em comum, como afirma Izabela Bocayuva⁶⁸, ambos tem a mesma alma⁶⁹.

Os dois filósofos estavam descontentes com a cultura moral do seu tempo, e ambos procuraram no processo histórico um motivo para tal insatisfação⁷⁰. Os dois pensadores tinham a intenção de promover uma reformulação do pensamento vigente e ambos foram bem sucedidos.

Não pretendi nesse trabalho apresentar Nietzsche como um leitor ingênuo ou simplista de Platão, reconheço que o contemporâneo caracterizou Platão para reforçar o aspecto de contraste entre as duas filosofias. Como diz o próprio Nietzsche:

“Toda sociedade tem a tendência de rebaixar seus adversários à caricatura e deixá-los morrer como que por inanição, – pelo menos em sua *imaginação*. Nosso “*criminoso*” é um exemplo de tal caricatura. Em meio ao ordenamento de valores da aristocracia romana o judeu foi reduzido à caricatura. Entre os artistas ‘o burguês e o pequeno burguês honrado’ torna-se caricatura; entre devotos o ateu; entre aristocratas o homem do povo. Entre imoralistas o moralista: em minha obra, por exemplo, Platão torna-se uma caricatura.”⁷¹

Essa caracterização de Platão parte muito fortemente das leituras neoplatônicas e cristãs de Platão. E, embora Nietzsche tenha reconhecido a diferença entre as duas coisas, Platão ficou muito mais marcado por esse tipo de leitura do que por si mesmo. E esse estereótipo foi reforçado por Nietzsche quando esse caracteriza Platão para contrastá-lo com sua crítica da história da moral.

⁶⁷ Platão como maior metafísico, o primeiro a sistematizar uma filosofia metafísica e Nietzsche com o último metafísico, o primeiro a tirar a metafísica da filosofia (embora para muitos estudiosos em Nietzsche este ainda tenha sido metafísico).

⁶⁸ Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁶⁹ BOCAJUVA, Izabela. “Uma Confrontação entre Platão e Nietzsche” apresentado no XVI encontro nacional de professores de Filosofia (ANPOF) 2014.

⁷⁰ Nietzsche encontrou o platonismo e o cristianismo, já Platão encontrou a democracia e o sofismo.

⁷¹ Retido de: BOCAJUVA, Izabela. “Uma Confrontação entre Platão e Nietzsche” apresentado no XVI encontro nacional de professores de Filosofia (ANPOF) 2014 com referência (KSA 11, Pg.521, 1887 10[112])

Nesse trabalho tive a intenção de clarificar o pensamento platônico distintamente do platonismo e do cristianismo e, assim, salvaguar Platão de algumas das críticas apontadas por Nietzsche. Basicamente, restringi essa releitura platônica - contrária à tradição - a defesa de Platão sobre a acusação de inaugurador do niilismo. Para tanto o defendi em três críticas básicas que constituíram toda a teoria genealógica de Nietzsche. A primeira crítica é apontar Platão como alguém que negligenciou o corpo e prole do mundo espiritual, mas como foi mostrado, Platão em momento algum propõe um abandono do mundo físico, pelo contrário, o mundo físico é um dos princípios do conhecimento e esse conhecimento está sempre em movimento dialético, o que esvazia o segundo ponto de Nietzsche de que Platão se afasta da existência como ação.

O terceiro ponto se divide em dois, pois a crítica aponta Platão como o gerador de um ideal ascético como caminho para a felicidade humana que gerou a imobilidade e a moral do ressentimento, por esse mesmo ser um ressentido. Como explorado na segunda parte do primeiro capítulo, Platão não gera imobilidade, ele também é um ressentido que inaugura a partir desse sentimento uma moral, pois a descrição de Nietzsche de ressentido não se adequa às descrições de Platão sobre Sócrates, nem tão pouco as próprias falas de Nietzsche sobre ele. Pelo contrário, Sócrates está muito mais perto do nobre que do ressentido.

Além disso, Platão não promove o ideal ascético como padrão de felicidade universal. Se o homem é ordenado por sua alma e existem três tipos de organização de alma, existe pelo menos três ideais de felicidade, então seu caminho não pode ser universalizado. E, principalmente, a felicidade só é possível pela justiça e a justiça é ação e não imobilidade perante o mundo. Ou seja, não há nenhuma tipo de ascetismo na teoria platônica.

Em decorrência disso, Platão não poderia ser o inaugurador da moral do ressentimento sem idealizador do ideal ascético que levaram ao niilismo. Concluo, portanto, que a crítica nietzschiana direcionada a Platão não pode servir como uma orientação de leitura platônica, pois está muito mais ligada ao platonismo cristão que a Platão ele mesmo.

BIBLIOGRAFIA

- PLATÃO. (1949). *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Av. de Berna, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.
- NIETZSCHE, F. (1987) *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trab. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2015.
- PLATÃO. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: Editora da Universidade Federal do Pará, 2003. Coleção Diálogos de Platão, vol. 3. Edição bilíngue.
- ARALDI. “Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche”. in *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 5, 1998.
- BENOIT, Hector. *Platão e Nietzsche: a trama dramática da metafísica*. Letras Clássicas n. 2. Campinas SP, p. 115-126, 1998.
- RODRIGUES, Luzia “Nietzsche e Platão: arte e orquestração das paixões” in *Kriterion* vol.45 no.109 Belo Horizonte MG Jan./June 2004.
- BOCAYUVA, Izabela. “Uma Confrontação entre Platão e Nietzsche” apresentado no XVI encontro nacional de professores de Filosofia (ANPOF) 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O anti-Cristo*. Lisboa: Guimarães Ed.1988.
- FARIAS, Ícaro. “Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche” in *Revista Húmus* nº 7. 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- GIACÓAIA Jr., Osvaldo. cadernos Nietzsche 3, p. 23-36, 1997
- LOPES, Rogério. “Nietzsche e a interpretação cética de Platão”, in *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 13, 2012
- Costa, Admar. Haddad, Alice. Oliveira, Karoline. Baroni, Luisa. Platão. In: Filho, Celso. Ribeiro, Luís. *Para que filosofia? um guia para o ensino médio*. Rio de Janeiro: Nau, 2014

BANCO DE IMAGENS

Imagem 1

